

***Burajiru Jihô* (Notícias do Brasil) e *Nippak Shimbun* (Jornal Nipo-brasileiro): os primeiros tempos dos jornais japoneses no Brasil (1916-1941)**

Monica Setuyo Okamoto
Yukako Nagamura

A história da imprensa japonesa no Brasil chega a um século desde a sua primeira aparição em 1916 com a publicação do jornal *Shûkan Nambei* (Semanário Sul-americano). Desde então, a mídia nipônica sofreu grandes alterações em sua forma e em seu conteúdo, adequando-se às expectativas dos novos leitores e às transformações do contexto histórico. Em sua longa história de desafios para se manterem atuantes, os impressos japoneses enfrentaram embates culturais, preconceito racial, um decreto proibindo a língua japonesa em território brasileiro, censura e, mais recentemente, diminuição drástica da tiragem, devido à falta de leitores proficientes em japonês. Mesmo assim, os jornais japoneses produzidos em terras brasileiras ainda relutam nos dias atuais, adaptando-se às novas gerações de nipo-brasileiros, sua linguagem, seus gostos e sua problemática; bem como redirecionando seu foco a uma nova categoria de leitores: os empresários japoneses a trabalho no Brasil. Ao que parece, esse novo filão tem-se destacado a cada ano como o principal assinante dos jornais *nikkeis*.

Diante dessa vasta história que abarca acentuadas transformações, resolvemos nos focar, neste artigo, na pesquisa da imprensa japonesa no Brasil em seus primeiros tempos (1916-1941): a sua formação, o seu público-alvo, os seus ideais, as suas lutas e os seus interesses. Dessa maneira, tentaremos recuperar e compreender a participação dos jornais *nikkeis* na história da imigração japonesa, sobretudo no que diz respeito à tentativa, por parte da imprensa, de formar um juízo comum acerca do papel e da situação do imigrante japonês dentro da sociedade brasileira.

A delimitação temporal de 1916 a 1941 se justifica, primeiramente, porque nesse período boa parte dos imigrantes japoneses ainda mantinha a esperança de enriquecer no Brasil e, posteriormente, retornar ao Japão, portanto os impres-

sos, ao menos inicialmente, foram produzidos para esse público específico. Em segundo lugar, porque seguimos a cronologia das publicações, ou seja, a primeira edição de um jornal japonês no Brasil ocorreu em 1916, e a última, após o decreto do governo brasileiro que ordenava o fechamento de todos os jornais em língua japonesa, em 1941. Por fim, porque encontramos estudos reduzidos acerca dos impressos japoneses no Brasil dessa época. Nesse aspecto, acreditamos que uma das causas desse campo ter sido tão pouco explorado é o fato de esses jornais terem sido produzidos em japonês arcaico, o que certamente dificultou a leitura e o trabalho dos pesquisadores. Outro agravante foi a falta de disponibilidade desse material em forma sistemática, pois só recentemente, com a fundação do Museu da Imigração Japonesa no fim da década de 1970 em São Paulo, esses impressos foram catalogados e colocados à disposição do público.¹

Já como objetos de nossa investigação, instituímos os dois maiores jornais japoneses no Brasil na época: o *Burajiru Jihô* (1917) e o *Nippak Shimbun* (1916), por terem sido os mais importantes e de maior circulação dentro da comunidade japonesa. Cabe dizer que a escolha desses dois impressos, publicados entre 1916 e 1941 na cidade de São Paulo, se deve também ao fato de seus fundadores terem sido rivais, não apenas no campo econômico da vendagem, mas também na área opinativa; o que nos instigou a presumir que os dois jornais traziam diferentes abordagens sobre a vida da colônia. Por fim, esclarecemos que, embora já existissem alguns impressos em outros estados brasileiros, priorizamos as produções paulistanas em decorrência da importância econômica e social dessa cidade dentro do contexto imigratório.

I. OS PRIMEIROS JORNAIS JAPONESES NO BRASIL

Uma cultura completamente diferente, um país distante e um idioma sem qualquer semelhança com a língua materna. Esse foi o cenário encontrado pelos imigrantes japoneses no começo do século XX e que, de certa forma, favoreceu o surgimento dos jornais *nikkeis*, nos quais os nipônicos poderiam ter a satisfação

¹ O acervo desses periódicos foi constituído por meio de doações de leitores e encontra-se, incompleto, no Museu da Imigração Japonesa.

de se expressarem em sua língua. Além disso, segundo Marcelo Cintra,² o jornal em língua japonesa no Brasil daquela época executou o papel de “farol orientador da sociedade”, ou seja, ele desempenhou uma função não só informativa, mas também integradora da colônia japonesa.

Dessa forma, surgiu o primeiro jornal japonês no Brasil, o *Shûkan Nambei* (Semanário da América do Sul), fundado por Ken’ichiro Hoshina. Esse periódico iniciou a sua circulação semanal em janeiro de 1916, apenas oito anos após a chegada dos primeiros imigrantes japoneses em terras brasileiras.

Ken’ichiro Hoshina, diferente da maioria dos imigrantes japoneses que vieram ao Brasil naquele tempo, não tinha o perfil dos imigrantes da época, desorientados em um país estrangeiro; pelo contrário, ele apresentava vasta experiência de vida no exterior. Trabalhou como editor de um jornal em Honolulu e foi fazendeiro no Texas, Estados Unidos. Também morou algum tempo na Argentina, antes de se mudar, definitivamente, para o Brasil em 1915. No ano seguinte, em 1916, funda o *Shûkan Nambei* que, apesar de sua experiência na área jornalística, ainda estava longe de ser um jornal de qualidade profissional, ao menos em seu aspecto gráfico, o qual era escrito à mão e impresso em litografia. Mesmo assim, inicialmente, teve boa recepção e vendagem entre os imigrantes ávidos por notícias.³ Nesse ponto, de acordo com o livro comemorativo *Uma epopeia moderna: 80 anos da imigração japonesa no Brasil*,⁴ o *Nambei*, diferentemente dos jornais tradicionais, não trazia notícias eminentemente perecíveis, ou seja, fatos do cotidiano da cidade de São Paulo ou do Brasil; seu foco maior, de modo geral, estava na comercialização de terras na região de Presidente Prudente e na cotação de preços de produtos agrícolas; mas havia também espaço para os assuntos político-econômicos do mundo, atualidades do Japão, coluna literária e notícias sobre as atividades dos imigrantes japoneses no Brasil. Esse interesse direcionado às terras do Centro-Oeste paulista não surgiu

² CINTRA, Marcelo. As comunidades imigrantes e sua imprensa: japoneses. O farol orientador da sociedade. In: _____ (Org.). *A imprensa imigrante: trajetória das imprensas das comunidades imigrantes em São Paulo*. São Paulo: Memorial do Imigrante: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2010. p. 73.

³ *Ibid.*, p. 73-74.

⁴ COMISSÃO DE ELABORAÇÃO DA HISTÓRIA DOS 80 ANOS DA IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL. *Uma epopeia moderna: 80 anos da imigração japonesa no Brasil*. São Paulo: Hucitec: Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, 1992. p. 90.

à toa, pois Hoshina, dono do jornal, era também fundador e proprietário das colônias Vai-Bem e Brejão, localizadas nessa região. Ao que parece, o *Nambeï* funcionou mais como veículo de propaganda dos negócios de seu dono, do que de informação e de opinião à comunidade japonesa. Apesar de ter sido, por um breve período, o único impresso em língua japonesa no Brasil, o *Nambeï* acabou fechando as portas após um ano de atividades.

Em agosto do mesmo ano foi lançado o *Nippak Shimbun* (Jornal Nipo-brasileiro) e, no ano seguinte, em 1917 o *Burajiru Jihô* (Notícias do Brasil). Esses três periódicos, de maneira geral, foram os que deram o pontapé inicial para o desenvolvimento da imprensa nipo-brasileira, foram criados na capital de São Paulo e costumavam ser distribuídos para o interior do Estado.

Segundo o livro *Uma epopeia moderna*,⁵ em maio de 1933 o mercado editorial, sobretudo de jornais em língua japonesa, torna-se bastante expressivo, com pelo menos cinco jornais de maior repercussão na comunidade japonesa: o *Burajiru Jihô*, o *Nippak Shimbun*, o *Seishu Shimpô*, lançado em 1921 por Rokuro Koyama – bimensal de oito páginas –, o *Nippon Shimbun*, fundado em 1932 por Sukenari Onaga – semanal de seis páginas –, e o *Aliança Jihô*, de 1934 – semanal de quatro páginas. Ressalta-se também que todas essas empresas jornalísticas japonesas possuíam a sua própria oficina gráfica. Para Stewart Lone,⁶ a existência de inúmeros jornais em língua japonesa nos alerta sobre muitos pontos acerca da comunidade. O primeiro é a existência de uma população minimamente letrada, que sustenta esse mercado jornalístico muito competitivo. O segundo é a estrutura bem organizada dessas empresas, que conseguem juntar e disseminar as notícias, tanto do Japão quanto do Brasil, atingindo o interesse dos leitores para ambas as partes.

⁵ *Ibid.*, p. 224-225.

⁶ LONE, Stewart. *The Japanese community in Brazil, 1908-1940: between Samurai and Carnival*. London: Palgrave, 2001. p. 7.

1.1. Lista de jornais japoneses no Brasil (de 1916 até o momento atual)

Jornal (tradução)	Ano da fundação e do fechamento	Fundador	Local de publicação
<i>Shûkan Nambei</i> (Semanário Sul-americano)	1916 -1918	Ken'ichiro Hoshina	São Paulo
<i>Nippak Shimbun</i> (Jornal Nipo-brasileiro)	1916 -1939	Akisaburo Kaneko e Shungoro Wako	São Paulo
<i>Burajiru Jihô</i> (Notícias do Brasil)	1917-1941 1946-1955	Seisaku Kuroishi	São Paulo
<i>Seishû Shimpô</i> (Semanário de São Paulo)	1921-1941	Rokuro Koyama	Bauru (SP), depois mudou para São Paulo
<i>Nambei Shimpô</i> (Notícias da América do Sul)	1928-1932	Zenkichi Sakaida	São Paulo
<i>Aliança Jihô</i> (Notícias da Aliança)	1929-1937	Isamu Yuba	Colônia Aliança (SP)
<i>Noroeste Minpô</i> (Notícias do Noroeste)	1933-1941	Hokumin Kajimoto	Birigui (SP), depois mudou para Lins (SP)
<i>Nippon Shimbun</i> (Jornal Japão)	1932-1941	Sukenari Onaga	São Paulo
<i>Avaré Shimbun</i> (Jornal Avaré)	1936-1938		Avaré (SP)
<i>Nippaku Kyôdô Shimbun</i> (Jornal Cooperação Nipo-brasileira)	1937-(?)	Gonzaburou Nakagawa	Araçatuba (SP)
<i>Burajiru Asahi</i> (Matutino do Brasil)	1940-1941		São Paulo

Jornal (tradução)	Ano da fundação e do fechamento	Fundador	Local de publicação
<i>Hakusei Shimbun</i> (Jornal Brasil-São Paulo)	1946 -1947	Isamu Aiba	São Paulo
<i>Nambei Jiji</i> (Notícias da América do Sul)	1946-1950	Mitori Nakama	São Paulo
<i>São Paulo Shimbun</i> (Jornal São Paulo)	1946 até o momento atual	Mitsuto Mizumoto	São Paulo
<i>Paulista Shimbun</i> (Jornal Paulista)	1947-1998	Tokuya Hiruta e Shuuichi Takeuchi	São Paulo
<i>Shôwa Shimbun</i> (Jornal Showa)	1949-1954	Saburou Kawabata	São Paulo
<i>Burajiru Chûgai Shimbun</i> (Jornal Notícias do Brasil e do Exterior)	1949-1957	Bou Higashi	São Paulo
<i>Nippaku Mainichi Shimbun</i> (Diário Nippak)	1949-1998	Shuuichi Takeuchi	São Paulo
<i>Shûkan Houchi</i> (Notícia Semanal)	1951-1953		São Paulo
<i>Paraná Shimbun</i> (Jornal Paraná)	1951-1955 1965-2012	Suemitsu Miyamura	Londrina (PR)
<i>Bastos Shûhō</i> (Semanal de Bastos)	1952-1979 1980-1985	Morio Oda	Bastos (SP)
<i>Yamato Minpo</i> (Notícia Yamato)	1953-(?)		Bauru (SP)

Burajiru Jihô (Notícias do Brasil) e *Nippak Shimbun* (Jornal Nipo-brasileiro):
os primeiros tempos dos jornais japoneses no Brasil (1916-1941)

Jornal (tradução)	Ano da fundação e do fechamento	Fundador	Local de publicação
<i>Assai Shimbun</i> (Jornal Assai)	1955-1971		Assai (PR)
<i>Sensen Gyôkai</i> (Mundo das Lavanderias)*	1959-1984	Tsugio Harada	São Paulo
<i>Guaira Shimbun</i> (Jornal Guaira)	1962?-1969		Guaira (SP)
<i>Assai Shûhô</i> (Semanal Assai)	1963-1985	Liga das Associações Culturais de Assai	Assai (PR)
<i>Mogi Suzano Shûhô</i> (Semanal Mogi Suzano)	1966-1971		Mogi das Cruzes (SP)
<i>Nôgyô Shimbun</i> (Jornal de Agricultura)	1968-(?)		São Paulo
<i>Tome-acú Shimbun</i> (Jornal Tome-Açú)	1972-1979		Tome-Açú (PA)
<i>Shûkan Jihô</i> (Notícia Semanal)	1976-1996	Isomitsu Okimoto	São Paulo
<i>Nikkêy Shimbun</i> (Jornal Nikkei)	1998 até o momento atual	Fusão do <i>Paulista Shimbun</i> e do <i>Nippaku Mainichi Shimbun</i> Paulo Ogawa e Raul Takaki	São Paulo
<i>Guataparâ Shimbun</i> (Jornal Colonial Guataparâ)	2010 até o momento atual		Guataparâ (SP)

Fonte: FUKASAWA, Masayuki. Nikkei mídia no rekishi. In: ASSOCIAÇÃO DO CENTENÁRIO DA IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL (Org.). *Burajiru Nihonimin Hyakunenshi*. Seikatsuto Bunkahen. Tóquio: Fukyo-sha, 2010. v. 3, p. 80-183.

* O jornal *Mundo das Lavanderias* teve uma grande tiragem graças ao comércio dos *nikkeis* nessa área. Ver: FUKASAWA, Masayuki. *Mídia no rekishi*, p.175.

Sem dúvida, como podemos observar, a quantidade e a diversidade dos jornais *nikkeis* revelam que existiram inúmeras e diferentes opiniões dentro da comunidade japonesa no Brasil da época.

1.2. *Nippak Shimbun* (1916-1941). Praticando a oposição.

O *Nippak Shimbun*, administrado inicialmente por Akisaburo Kaneko e Shungoro Wako, passa em 1919 a ser dirigido por Saku Miura.

O recurso gráfico do *Nippak* não primava pelo profissionalismo, pois era um semanal de oito páginas escrito à mão e impresso em litografia; suas colunas não eram fixas, tampouco seus colaboradores; entretanto, regularmente era composto pelo editorial, espaço para publicidade, coluna literária, notícias do Brasil, notícias do Japão e, de vez em quando, um pequeno espaço para a seção de esportes. Por outro lado, possuía forte apelo opinativo na figura de seu editor, Saku Miura, que, graças a seu espírito liberal, costumava expor seus ideais, os quais nem sempre se encontravam alinhados com os pensamentos do Consulado Geral do Japão e da *Kaigai Kogyo Kabushiki Kaisha* ou KKKK (Companhia de Desenvolvimento Exterior).⁷

A vida de Saku Miura é rodeada de mistérios, pois pouco se sabe sobre o seu passado anterior ao *Nippak*. Segundo Maeyama,⁸ sua vinda ao Brasil foi bastante conturbada e cheia de aventuras. Reza a lenda que Miura fora resgatado pelo navio *Benjamin Constant* próximo a uma ilha deserta ao norte do Pacífico. No navio, ensinou judô aos marinheiros e chegou ao Brasil no dia 8 de dezembro de 1908, seis meses depois da vinda da primeira leva de imigrantes japoneses. Ao desembarcar no Rio de Janeiro, Miura foi contratado como professor de judô numa escola naval e, em seguida, viajou para o Nordeste até, finalmente, estabelecer-se em São Paulo, quando começou os seus trabalhos na área jornalística.⁹

Polêmico, Miura não poupou ninguém com suas críticas ácidas, o que criou uma lista de inimizades, sobretudo no meio político. Seja como for, Saku Miura, considerado por muitos brasileiros e japoneses da época como uma figura pertur-

⁷ A KKKK era uma das companhias de emigração japonesa da época.

⁸ MAEYAMA, Takashi. *Fukuyono Kisha Burajiruno Shimbunjin Miura Sakuno Jinsei*. Tokyo: Ochanomizu, 2002. p. 5.

⁹ *Ibid.*, p. 145.

badora, ficou à frente da direção de um dos jornais *nikkeis* mais importantes do Brasil da primeira metade do século XX.

Ao que parece, o maior objetivo de Saku Miura, como editor do jornal *Nippak Shimbun*, foi de proteger os direitos dos imigrantes japoneses em solo brasileiro. Em 1929, Miura declarou-se contra a ida de imigrantes japoneses para a Amazônia. Ele chegou a viajar a Manaus para realizar uma pesquisa a respeito do local e passou seis meses por lá; no fim, concluiu que não havia condições de trabalho adequadas aos japoneses naquela região e que os nipônicos não poderiam servir de “cobaias” para esse tipo de projeto.¹⁰ No editorial do *Nippak Shimbun* intitulado *Saishono Amazon imin*¹¹ (A primeira imigração para a Amazônia), de 12 de setembro de 1929, Miura aconselha os imigrantes japoneses a não se mudarem para outras cidades, se não tiverem melhores condições de vida e trabalho do que em São Paulo.

A propósito, essa ideia de enviar os imigrantes japoneses para a região amazônica surgiu entre os estadistas brasileiros em comunhão com o Consulado Japonês no Brasil. Um dos defensores desse projeto fora Bruno Lobo que, em sua obra *Esquecendo os antepassados, combatendo os estrangeiros*,¹² se posicionou a favor da entrada de imigrantes japoneses no Brasil, contanto que eles se dirigissem e se fixassem apenas na zona rural, portanto, na opinião desse político, a imigração agrícola era a única conveniente aos nipônicos. Ainda segundo o professor brasileiro, o japonês é o “[...] tipo ideal para a colonização do imenso Vale do Amazonas”.¹³ É oportuno lembrar que o Norte do Brasil era um local inóspito, para onde os imigrantes europeus não queriam ir. Bruno Lobo se justifica afirmando que, “sempre seguindo os princípios modernos que a ciência impõe”, chegou à conclusão de que o Amazonas era o local ideal para “aclimatar” os japoneses devido a vários fatores: identificação racial dos japoneses com os índios da Amazônia, abundância de peixe (principal alimento dos japoneses),

¹⁰ KIYOTANI, Masuji. *Shimbuwa Iminnitoteno Nandeattaka II. Jinmonken*, Centro de Estudos Nipo-brasileiro, São Paulo, n. 3, p. 26, 1999.

¹¹ SAISHONO Amazon imin. *Nippak Shimbun*, São Paulo, 12 set. 1929.

¹² LOBO, Bruno. *Esquecendo os antepassados, combatendo os estrangeiros*. Rio de Janeiro: A. Coelho Branco Filho Editor, 1935. v. 2.

¹³ *Ibid.*, p. 29.

facilidade de cultivo do arroz (outro importante alimento na dieta dos nipônicos) e, finalmente, a beleza da natureza tão cultivada pela cultura oriental.

Esse foi um dos embates que a imprensa *nikkei*, em particular na figura de Saku Miura, enfrentou dentro da sociedade brasileira. Os políticos brasileiros, ao que tudo indica, estavam mais preocupados com as questões econômicas e, por essa razão, formulavam teorias pseudocientíficas convenientes aos seus interesses. Por outro lado, Miura estava ciente de que a colonização da Amazônia era um plano de ilusões que beneficiaria unicamente o governo brasileiro, e mostrava-se disposto a lutar pelo bem-estar dos imigrantes japoneses. Dessa forma, acreditamos que, certamente, a divulgação das ideias de Miura sobre esse assunto dentro do *Nippak* tenha tido um grande peso na opinião pública japonesa da época.

Esse é um dos exemplos da postura política de Saku Miura dentro do jornal *Nippak Shimbun*. Esse temperamento exaltado de Miura, contudo, criou muitos inimigos e punições políticas. Em 23 de março de 1931, Miura, por conta do decreto-lei do governo Getúlio Vargas, é expulso do país, entretanto algum tempo depois esse decreto é revogado, e o jornalista japonês é perdoado. Contudo, em maio de 1939, a publicação do jornal *Nippak* foi suspensa por quase um ano, quando Saku Miura é novamente expulso do Brasil. O jornal *Nippak* volta a ser reeditado em 25 de julho de 1940, sob o nome de *Burajiru Asahi* (Matutino do Brasil).¹⁴ Porém, segundo o livro *Uma epopeia moderna: 80 anos da imigração japonesa no Brasil*,¹⁵ a nova edição teve vida curta, pois os jornais em língua japonesa foram proibidos de serem publicados no Brasil em decorrência da Segunda Guerra, e Miura acabou sendo deportado definitivamente para o Japão.

1.3. *Burajiru Jihô* (1917 - 1941). Um jornal ligado à direita.

O principal concorrente do *Nippak Shimbun* foi o jornal *Burajiru Jihô* (Notícias do Brasil), lançado em julho de 1917 pela KKKK, com a finalidade de defender os interesses da própria empresa e do governo japonês. O editor-chefe do jornal *Burajiru Jihô* foi o jornalista Seisaku Kuroishi, que havia sido chefe da Seção de Educação da Cooperativa de Emigração, nos Estados Unidos, e, portanto, pos-

¹⁴ KIYOTANI, Massuji. *Shimbunwa Iminnitoteno Nandeattaka* II, p. 34.

¹⁵ COMISSÃO DE ELABORAÇÃO DA HISTÓRIA DOS 80 ANOS DA IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL. *Uma epopeia moderna*, p. 181.

sua experiência intelectual e administrativa. Kuroishi tornou-se dono do jornal um ano após a sua fundação.

O *Burajiru Jihô* chega a imprimir em sua fase inicial cerca de 1500 exemplares por edição.¹⁶ Um número impressionante para uma comunidade pequena de japoneses no Brasil da época. O sucesso do *Burajiru Jihô* se deve, possivelmente, ao caráter profissional apresentado pelo jornal, que era configurado em 12 páginas, com diagramação de fácil leitura (oferecia o recurso do *furigana*, que é a leitura cursiva dos ideogramas), impressão nítida, com a utilização de tipos de impressão e máquinas gráficas e, por fim, trabalhadores qualificados. Além da sofisticação técnica, o jornal mostrou um nível de organização comercial e experiência jornalística em imprensa imigrante maior do que seus concorrentes.

Todo esse auxílio financeiro e tecnológico vinha da aliança do jornal com a KKKK, a qual se beneficiava com a publicação no jornal de artigos que serviam aos seus interesses. Na verdade, o *Burajiru Jihô* foi lançado para ser um contraponto de seu concorrente, o *Nippak Shimbun*, e, assim, amenizar as críticas, feitas por Miura, ao processo de imigração japonesa.

E, de fato, o *Burajiru Jihô* seguiu uma linha editorial mais voltada aos interesses da elite nipônica e do Consulado Japonês, os quais incluíam boas relações com o governo brasileiro. Um exemplo emblemático é o editorial do *Burajiru Jihô*¹⁷ do dia 1º de janeiro de 1918 intitulado “Levando junto as esperanças de nossos imigrantes”, no qual o jornal parabeniza a posse do Presidente do Brasil Delfim Moreira da Costa Ribeiro¹⁸ e elogia o potencial econômico do Brasil, afirmando que a nação brasileira é “[...] rica em recursos e não concorre com outros países nesse aspecto”. Esse artigo do *Burajiru Jihô* não deixa dúvidas quanto às intenções do jornal de promover uma política de boas relações entre o

¹⁶ CINTRA, Marcelo. As comunidades imigrantes e sua imprensa, p. 74.

¹⁷ IMINSHOKUNWO. *Burajiru Jihô*, São Paulo, 1 jan. 1918.

¹⁸ Delfim Moreira da Costa Ribeiro era o vice-presidente do Brasil e assumiu interinamente o governo com a morte do presidente Rodrigues Alves. (ACCIOLI, R.B.; TAUNAY, A.E. *História geral da civilização brasileira: das origens à atualidade*. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1973.)

governo japonês e brasileiro em um momento de instabilidade do fluxo migratório japonês para o Brasil.¹⁹

Diante desse contexto histórico, não nos parece estranho que o jornal *Burajiru Jihô* tenha se esforçado para dissipar a imagem negativa dos imigrantes japoneses junto aos políticos brasileiros e, concomitantemente, reanimar os trabalhadores nipônicos insatisfeitos com a vida e as condições de trabalho no Brasil, como podemos observar na carta do correspondente de Minas Gerais, Motto Ohno, publicada no editorial da mesma edição.

Neste momento de angústia por quê estão passando quasi todos os países do mundo e a sorte de uma nação depende exclusivamente em acção enérgica e criteriosa de seus governadores, o Brasil soube defender o seu direito com a maneira brilhante e honrosa que mereceu a estima e a admiração do universo. Minas Geraes, berço das idéas liberaes é que tem a fortuna de possuir filhos como Wenceslau Bráz, Delfim Moreira, Francisco Salles, Arthur Bernardes e muitos outros, ocupa sempre a primazia entre os demais Estados do Brazil, imposta pelos netos de energia e honradez de seus filhos, cabendo ao primeiro d'estes mineiros a gloria invejável da maior conquista moral que acaba de obter na política universal. O Exmo. Sr. Dr. Delfim Moreira da Costa Ribeiro, cuja fotografia honra hoje a primeira coluna do nosso jornal, é o homem que está designado para representar um papel preponderante e saliente na política brasileira, durante o próximo quadriênio, e o povo brasileiro confia tranquillamente na sua acção e, particularmente, os mineiros que vêem na figura de S. Exa. o verdadeiro democrata e grande fator da "Ordem e Progresso". *Nós, japonezes, que temos a felicidade de residir neste abençoado sólo brasileiro*, rendemos a esse grande estadista a nossa modesta homenagem, aliás, justa, pois, foi

¹⁹ Nesse período experimental da imigração japonesa, entre 1908 e 1920, tanto os imigrantes nipônicos quanto os fazendeiros sentiam-se decepcionados com os resultados, o que levou o governo brasileiro a suspender a subvenção em 1913, diminuindo dessa forma o fluxo migratório de japoneses na nossa nação. A situação piora em 1915, com a notícia do "perigo amarelo" na América do Sul; mesmo assim, em 1917, o programa de subvenção à imigração japonesa é reiniciado no Brasil, por conta dos conflitos mundiais que ocasionaram redução da corrente migratória europeia. Sobre esse assunto, ver: LEÃO NETO, Valdemar Carneiro. *A crise da imigração japonesa no Brasil (1930-1934): contornos diplomáticos*. Brasília: Fundação Alexandre Gusmão: Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais, 1990.

S. Exa. quem permitiu a introdução, nos campos da lavoura de Minas Gerais, de alguns nossos irmãos que honradamente desejam concorrer para o progresso desse grande Estado. A S. Exa., pois, enviamos as nossas saudações cordiaes. Correspondência de Minas. Motto Ohno.²⁰

Ainda na mesma edição e página, há também uma carta manuscrita pelo próprio então presidente da República, Delfim Moreira, agradecendo a homenagem do jornal japonês e mencionando a “simpatia brasileira pelos japoneses”.²¹

Essa aparente cordialidade entre o governo japonês e brasileiro ocultava, na verdade, uma campanha antinipônica que existia no Brasil desde o fim do século XIX. Retomaremos esse assunto mais à frente.

Aqui, como vimos, o *Burajiru Jihô* defendeu os seus interesses políticos, sobretudo na coluna do editorial, contudo seus ideais também estavam presentes em todas as outras colunas do jornal. A despeito disso observamos que o *Burajiru Jihô* trazia colunas com temáticas variadas, cuja intenção era de animar e incentivar os imigrantes japoneses a superarem as suas dificuldades de adaptação à cultura brasileira e ao trabalho na lavoura. Um detalhe interessante é que o jornal era estruturado sempre na mesma sequência e ordem, com o intuito de proporcionar ao seu leitor rapidez e praticidade na hora de procurar um assunto específico. Assim, a primeira página do jornal era reservada ao editorial e à publicidade, além de uma coluna feminina (*Fujin-ran*), cuja colaboradora assinava sob o pseudônimo de Kyoko. Nas páginas seguintes, encontramos uma coluna literária e artística (*Bungei*), um espaço para publicação dos leitores, uma coluna intitulada “Contribuições” (*Kikô*), uma página inteira dedicada a um curso de língua “brasileira” (*Burajirugo*), “Coluna da Saúde” (*Eiseikôwa*), que tinha como colaborador fixo o médico Sentarô Takaoka,²² uma coluna específica sobre notícias recentes do Japão (*Nihon Kinshin*) e, por último, uma coluna

²⁰ BURAJIRU JIHÔ. São Paulo, p. 1, 1 jan. 1918. Grifo nosso.

²¹ *Ibid.*, p. 1.

²² Sentarô Takaoka foi um renomado médico dentro da colônia japonesa. Formado no Japão, estudou as doenças epidemiológicas e colaborou para a fundação do primeiro hospital para atendimento da colônia japonesa no Brasil, por meio da Sociedade Japonesa de Beneficência Santa Cruz e Casa Imperial Japonesa. Disponível em: <<http://www.portalnikkei.com.br/documentario-tv-akita-faz-filmagem-no-hospital-santa-cruz-sobre-sentaro-takaoka/>>. Acesso em: 14 fev. 2014.

internacional produzida a partir de telegramas com notícias do Japão e do mundo (*Tôkyô Denpô*).²³

Ao analisarmos o conteúdo de cada edição do *Burajiru Jihô*, notamos que o editorial dava o tom a ser seguido pelo restante do jornal. Títulos de otimismo e incentivo como “Este ano será muito próspero”,²⁴ do dia 14 de setembro de 1917, edição n. 3, revelam bem essa linha de pensamento do jornal. Muitos dos títulos e manchetes dos editoriais dos primeiros anos do *Burajiru Jihô* se assemelham a um livro de autoajuda, dando dicas, orientações e receitas para se obter o sucesso: “Os métodos para se alcançar os objetivos são fáceis” (7 set. 1917);²⁵ “Antes de se comprar um terreno” (8 mar. 1918);²⁶ “Ter o conhecimento sobre uma doença é o início do tratamento” (22 mar. 1918).²⁷

Mas, como foi mencionado, esse incentivo não se restringia aos editoriais; a coluna feminina, por exemplo, costumava trazer artigos de interesse específico das leitoras japonesas, com temas relacionados a casa, educação dos filhos, trabalho, bem-estar, entre outros. É curioso notar a presença feminina na produção dos impressos japoneses e o cuidado por parte do jornal em dedicar um espaço às leitoras. Na verdade, essa participação das mulheres na mídia japonesa se deve ao fato de parte dos problemas no processo de adaptação dos imigrantes japoneses no Brasil estarem relacionados à questão feminina, daí a preocupação do Consulado Japonês em sanar ou ao menos abrandar esse ponto. As esposas dos imigrantes japoneses costumavam ter uma jornada dupla de trabalho, no campo e na casa, sem tempo ou dinheiro para pensarem em si mesmas. Muitas dessas mulheres ainda precisavam aguentar os maus-tratos da sogra ou a violência do marido alcoólatra. As colunas femininas do *Burajiru Jihô* tentam amenizar esses problemas domésticos dando conselhos às mulheres e reanimando-as na execução de suas tarefas diárias. Alguns exemplos, nesse sentido, podem ser encontra-

²³ Posteriormente, outras colunas foram sendo introduzidas, como a coluna de viagem ao interior (*Inaka tabi*), coluna sobre o mundo agrícola (*Nôkai shiryô*), entre outras.

²⁴ KOTOSHIWA hijyouni housakudearu. *Burajiru Jihô*, São Paulo, ano 1, 14 set. 1917.

²⁵ MOKUTEKIWO tassuru, houhouwa kantan. *Burajiru Jihô*, São Paulo, ano 1, 7 set. 1917.

²⁶ TOCHIWO Kaumaeni. *Burajiru Jihô*, São Paulo, ano 2, 8 mar. 1918.

²⁷ BYOUKIWO shiru chiryouno hajime. *Burajiru Jihô*, São Paulo, ano 2, 22 mar. 1918.

dos nos artigos “O caminho para se obter a felicidade”,²⁸ publicado no dia 21 de setembro de 1917, “O bem-estar de se ter um *hobby*”,²⁹ de 17 de maio de 1918, e “O trabalho é algo prazeroso”,³⁰ de 14 de junho de 1918.

Outro problema dos imigrantes era com relação às doenças tropicais, que foram abordadas na coluna médica do jornal, especialmente a malária, uma doença até então desconhecida pelos japoneses e que anualmente vitimava milhares de imigrantes. No intuito de acalmar a comunidade japonesa, o *Burajiru Jihô* costumava publicar não só na coluna médica, mas também nos editoriais, artigos referentes a essa doença, alertando sobre o tratamento e os sintomas, mas, principalmente, tentando transmitir uma imagem menos aterrorizadora da doença.

Ainda na coluna médica do *Burajiru Jihô*, encontramos também um artigo apontando os males que a cachaça brasileira causava à saúde dos japoneses. A aguardente era a única bebida alcoólica ao alcance do bolso dos imigrantes japoneses. A frustração do trabalho e a falta de perspectivas de um futuro melhor levavam milhares de nipônicos a procurarem no álcool algum tipo de consolo. O médico e colaborador do *Burajiru Jihô*, Sentarô Takaoka fazia um alerta em sua coluna sobre os perigos do consumo excessivo da aguardente, cuja composição diferia da bebida tradicional japonesa, o saquê, à qual os japoneses estavam acostumados.³¹

Por último, numa tentativa de integrar os japoneses à sociedade brasileira, o *Burajiru Jihô* costumava introduzir artigos culturais sobre comportamento, vestimenta, hábitos alimentares dos brasileiros, folia dos carnavais, entre outros.

Esse impresso também passou a oferecer, a partir do dia 28 de setembro de 1917, um curso de língua portuguesa, por conta dos transtornos e mal-entendidos que ocorriam por problemas de comunicação entre brasileiros e japoneses. As lições eram voltadas para o cotidiano dos agricultores, abordando questões como o tempo, o volume de café, o preço dos produtos.

²⁸ KOUFUKUWO eruno michi. *Burajiru Jihô*, São Paulo, 21 set. 1917.

²⁹ SHUMINO Yosei. *Burajiru Jihô*, São Paulo, 17 maio 1918.

³⁰ SHIGOTOWA Tanoshimono. *Burajiru Jihô*, São Paulo, 14 jun. 1918.

³¹ TAKAOKA, Sentarô. Sobre a pinga. *Burajiru Jihô*, p. 2, 8 out. 1918.

Constatamos, dessa maneira, que o *Burajiru Jihô* tentou praticar um jornalismo não só opinativo, mas interpretativo, o qual, segundo Beltrão (1980), é aquele que não se limita à narração e descrição dos fatos, mas explora suas causas e problemas básicos. Não por acaso esse impresso abordou de maneira recorrente temas como: a barreira da língua, as doenças tropicais, o choque cultural, a diferença de hábitos e costumes, entre outros; sua intenção era trabalhar as causas da problemática da imigração japonesa no Brasil no intuito de possibilitar a integração dos imigrantes japoneses junto à sociedade brasileira e, assim, beneficiar os interesses do Consulado do Japão no Brasil e da KKKK. Essa, aliás, era uma das críticas da elite brasileira que nas décadas de 1920 e 1930 passou a discutir mais ostensivamente sobre as vantagens e desvantagens da imigração japonesa para o Brasil.³²

Diante desse panorama histórico, coube ao governo japonês, que tinha interesse em manter o fluxo imigratório para o Brasil, tentar reverter essa imagem dos imigrantes nipônicos de povo “inassimilável” e de cultura exótica. A criação do jornal *Burajiru Jihô* sob o patrocínio do Consulado Japonês e da KKKK teve, de certa forma, esse propósito, ou seja, o de servir como um veículo para tentar adequar os imigrantes japoneses às expectativas da elite brasileira.

2. *BURAJIRU JIHÔ* E *NIPPAK SHIMBUN*: PODER E CONTRAPODER

Os jornais escritos em japonês foram, por muito tempo, um dos poucos canais de contato e fonte de informação sobre a sociedade brasileira e, portanto, muito úteis aos nipônicos recém-chegados e também aos já estabelecidos no Brasil durante a primeira metade do século XX.

Burajiru Jihô e *Nippak Shimbun* foram os dois jornais de maior circulação no Brasil da época e, certamente, supriram a necessidade de informação dos imigrantes japoneses; entretanto, esses impressos tinham um enfoque mais opinativo

³² Na verdade, a discussão sobre a entrada de imigrantes japoneses no Brasil e suas implicações com questões raciais já existia há muito tempo, antes mesmo da vinda dos nipônicos em 1908 (ver: LESSER, Jeffrey. *A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. Trad. Patrícia de Queiroz Carvalho Zimbres. São Paulo: Editora UNESP, 2001.)

do que noticioso. Ambos os jornais criaram uma diversidade de opiniões dentro da colônia *nikkei* e, muitas vezes, reforçaram nos editoriais a personalidade de seus proprietários – Miura era radical e crítico, enquanto Kuroishi era moralista e defensor da autoridade.

Como vimos anteriormente, Kuroishi produziu um jornal de direita articulado aos interesses do Consulado Japonês e da KKKK, e que funcionava como contraponto ao jornal de oposição, *Nippak*, comandado por Saku Miura. O editor do *Nippak*, por sua vez, era uma voz de esquerda entre a elite japonesa e brasileira. O antagonismo das críticas do editor do *Nippak* com os interesses do governo getulista se aprofundou ao longo da década de 1930 e culminou na expulsão de Miura do Brasil por duas vezes, uma em 1931 (quando foi perdoado) e outra em 1939, quando efetivamente foi deportado do Brasil.

Mesmo com esses incidentes de pressão e censura que recaíram sobre Miura, é espantoso observar que os jornais japoneses usufruíram de certa liberdade discursiva para debaterem inúmeros temas polêmicos e de interesse da comunidade japonesa. Acreditamos que o reduzido número de universitários japoneses no Brasil em meados da década de 1920 foi um dos fatores que contribuiu para a autonomia dos editores jornalísticos na produção desses periódicos, uma vez que as discussões tinham como públicos-alvo trabalhadores braçais tanto do campo quanto da cidade. Como se sabe, o papel dos universitários não se limita à questão educacional; os estudantes podem funcionar como um eficiente canal de expressão das reivindicações sociais, sobretudo das classes oprimidas. Ao que parece o exercício das discussões de temas sociais e econômicos de máxima importância para a comunidade *nikkei* no Brasil restringiu-se, muitas vezes, às opiniões e visões políticas de Miura e Kuroishi.

2.1. A contribuição dos jornais *Burajiru Jihô* e *Nippak Shimbun* para o desenvolvimento do comércio *nikkei* na cidade de São Paulo

Segundo o Anuário Estatístico de São Paulo, no começo do século XX o bairro da Liberdade era ainda tipicamente residencial, com a presença de imigrantes italianos, seguidos de portugueses e, posteriormente, japoneses. Na área

central da cidade, havia um predomínio de comércio varejista de artigos domésticos e vestuário, além de oficinas e pensões.³³

No início da década de 1910, imigrantes japoneses que não haviam se adaptado ao trabalho nas fazendas chegam à cidade de São Paulo e se instalam no bairro da Liberdade, aglomerando-se na rua Conde de Sazerdas. Nessa mesma época, notaram-se, além da construção principal ao nível da rua, outras construções menores sublocadas às famílias de baixa renda. Foi o início do processo de encorticação da região.³⁴ Os porões eram escuros, frios e úmidos, abrigavam várias pessoas em um espaço minúsculo. Em outubro de 1917 o jornal *Burajiru Jihô* publicou uma matéria intitulada “O preocupante estilo de vida subterrâneo”, na qual um médico fala sobre a importância da ventilação e a falta de higiene das casas subterrâneas onde os japoneses moravam. Fato que desagradava a classe média brasileira. No artigo o médico deixa claro que somente alguns brasileiros, negros e imigrantes japoneses encontravam-se nessas condições precárias de moradia.³⁵ Mesmo assim, muitos imigrantes japoneses continuaram a se mudar para a capital paulista.

Nesse período, quando um imigrante japonês abandonava o trabalho nas fazendas e partia para a capital, era taxado de “vagabundo” pelos agricultores em geral.³⁶ Contudo, a vida na cidade não era mais amena, e o trabalho era tão árduo quanto no campo. Ao que consta, esses primeiros moradores orientais em São Paulo trabalharam como carpinteiros, marceneiros, motoristas, cozinheiros e empregados domésticos. Em meados de 1914 o comércio da região se expande e surgem pequenas fábricas de alimentos japoneses, restaurantes de comida oriental, alfaiataria, pensões e hotéis.

Não por acaso, surgem nessa época os primeiros jornais em língua japonesa editados na cidade de São Paulo. Para Robert Park,³⁷ jornais estrangeiros costumavam

³³ DIEGÔLI, Leila R. (Coord.). *Inventário geral do patrimônio ambiental e cultural: Liberdade*. São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico, 1987. Cadernos do IGEPAC-SP, n. 2, p. 26.

³⁴ *Ibid.*, p. 27-28.

³⁵ LONE, Stewart. *The Japanese community in Brazil, 1908-1940*.

³⁶ HANDA, Tomoo. *O imigrante japonês: história de sua vida no Brasil*. São Paulo: T.A. Queiroz: Centro de Estudos Nipo-brasileiros, 1987. p. 151.

³⁷ PARK, Robert E. *The immigrant press and its control*. New York and London: Harper & Brothers Publishers, 1922. p. 91.

mavam nascer no centro das grandes capitais, porque havia uma possibilidade de maior circulação. Sem dúvida, estarem situados na capital favoreceu esses jornais japoneses a conseguirem maior visibilidade, se comparados aos impressos artesanais produzidos no interior de São Paulo e em outros Estados do Brasil,³⁸ contudo essa não foi a única vantagem dos impressos urbanos. O peso dos anunciantes também foi um ponto a ser considerado, uma vez que a fonte de receita dos jornais não dependia apenas da tiragem, mas também da publicidade. Em 1920 havia cerca de 300 japoneses vivendo na rua Conde de Sazerdas,³⁹ o que impulsionou a presença comercial dos japoneses na cidade de São Paulo e, conseqüentemente, a necessidade de maior divulgação de seus produtos e serviços. Dessa forma, acreditamos que os dois jornais japoneses de maior circulação no Brasil, *Burajiru Jihô* e *Nippak Shimbun*, localizados no bairro da Liberdade, tiveram um papel preponderante no desenvolvimento comercial dos imigrantes japoneses instalados na capital paulista. Em outras palavras, concluímos que conforme a cidade de São Paulo se tornava mais forte economicamente, mais ela atraía os imigrantes japoneses da zona rural e isso, conseqüentemente, fortalecia o mecanismo de publicidade da imprensa *nikkei*.

Ao analisarmos os anúncios desses dois jornais constatamos que boa parte do comércio estava concentrada na rua Conde de Sazerdas e imediações, onde, como vimos anteriormente, também estavam aglomeradas as famílias japonesas. Dessa forma, os comércios e os serviços anunciados nos jornais *Burajiru Jihô* e *Nippak Shimbun* pareciam estar voltados quase que exclusivamente a essa comunidade *nikkei* no Centro de São Paulo.

Os anúncios recorrentes nos dois jornais eram de serviços de alfaiataria, pensões e restaurantes japoneses, loja de reparos de relógios, loja de produtos japoneses importados (Fujisaki, Mikado), aluguel de carros e informes do Consulado Geral do Japão. Por meio dessas propagandas podemos observar que

³⁸ Segundo Jeffrey Lesser, "dois japoneses juntos formam uma associação e três fundam um jornal". Apesar do tom de brincadeira, a máxima de Lesser chega a ser quase uma verdade, pois onde houvesse uma colônia de imigrantes japoneses e uma associação, sempre havia também um jornalzinho, um informativo ou um semanário da entidade. De conteúdo variado, esses impressos traziam desde assuntos administrativos das entidades, atividades culturais e esportivas, notícias do Japão a anúncios matrimoniais; e tinham como função não apenas informar, mas também integrar os membros da colônia e, sobretudo, das associações. (ver: HANDA, Tomoo. *O imigrante japonês*.)

³⁹ DIEGÔLI, Leila R. (Coord.). *Inventário geral do patrimônio ambiental e cultural*, p. 29.

as necessidades básicas dos imigrantes japoneses da cidade eram bem diferentes da comunidade rural. O estilo de vida urbano trazia outras exigências na qualidade de vida, na educação, no lazer, na vestimenta e na alimentação dos nipônicos. Sem dúvida, as oportunidades de negócio e as ofertas de trabalho também eram maiores na grande cidade, o que, provavelmente, incentivou a vinda de famílias japonesas à capital.

Na obra “O olhar dos nisseis paulistanos”, o autor Paulo Yokota⁴⁰ conta que o que se destacava no bairro da Liberdade eram as pensões e os pequenos hotéis que hospedavam temporariamente os imigrantes japoneses vindos do interior. Ainda segundo Yokota, apesar das diferenças culturais, os japoneses residentes na capital se adaptaram aos costumes locais e passaram a se integrar na sociedade brasileira mais rapidamente que a comunidade *nikkei* rural. Podemos apontar a vestimenta como um exemplo nesse sentido. Nessa época, os imigrantes japoneses que moravam na cidade se vestiam à moda ocidental: paletó, calça comprida e gravata para irem ao trabalho, mesmo que fossem carpinteiros ou motoristas de táxi. Havia também os nipônicos que, em função do trabalho – como copeiros, jardineiros, motoristas particulares ou criados de famílias paulistanas abastadas – eram obrigados a usarem trajes formais como terno e gravata; daí os anúncios de alfaiatarias *nikkeis* serem comuns nos jornais japoneses.⁴¹

Ao analisar os anúncios dos dois jornais notamos também a presença de muitas lojas de produtos japoneses, importados e nacionais. Um dos primeiros estabelecimentos comerciais desse gênero foi a Casa Fujisaki, fundada em 1906 em pleno Centro de São Paulo, portanto antes mesmo da vinda dos imigrantes japoneses para o Brasil em 1908. O sucesso desse tipo de empreendimento incentivou outros comerciantes japoneses a abrirem seus negócios, principalmente em São Paulo. Em 1933, o jornal *Seishu Shimpô* registrou cerca de 160 lojas de produtos japoneses somente na cidade de São Paulo, sendo as famosas a Casa Hase, Casa Endo, Casa Nakaya, Casa Kunii, Casa Ito e, obviamente, a Casa Fujisaki. Entretanto, é importante esclarecer que esses comerciantes não eram meros imi-

⁴⁰ YOKOTA, Paulo. *O olhar dos nisseis paulistanos: integração na sociedade brasileira*. São Paulo: Editora JBC, 2008.

⁴¹ HANDA, Tomoo. *O imigrante japonês*, p. 158.

grantes que vieram trabalhar no campo, mas homens de negócio que imigraram para o Brasil com algum capital.⁴²

Vale comentar que em meados da década de 1930 havia um núcleo de cerca de 200 imigrantes japoneses no bairro de Pinheiros, portanto a Liberdade não fora o único reduto nipônico. Segundo o livro *Uma epopeia moderna: 80 anos da imigração japonesa no Brasil*,⁴³ formou-se em Pinheiros um comércio para atender especialmente os agricultores japoneses que moravam na região metropolitana de São Paulo como Campo Limpo, Taboão e Cotia.

Outro destaque foi a participação dos imigrantes japoneses no mercado de verduras e hortaliças, que cresceu continuamente com a vinda desses trabalhadores para a cidade de São Paulo. A principal cultura era a batata, mas verduras e hortaliças, também eram cultivadas em pequena escala. Os horticultores japoneses que inicialmente se estabeleceram nos arredores do Centro de São Paulo aos poucos tiveram que se mudar para regiões mais afastadas por conta do aumento da demanda, decorrente do crescimento da cidade.

Nos artigos de 10 de setembro de 1926,⁴⁴ 3 de dezembro de 1926⁴⁵ e 12 de fevereiro de 1931,⁴⁶ encontramos a voz de Miura em defesa dos agricultores de batatas da cidade de São Paulo. No artigo “Associação japonesa e a cooperativa”, de 3 de dezembro de 1926,⁴⁷ por exemplo, Miura defende o projeto de construção de uma cooperativa nos moldes japoneses na vila de Cotia, como forma de solucionar o problema dos produtores *nikkeis* de batata da cidade de São Paulo, vítimas dos comerciantes, que sofriam com a falta de um local para o armazenamento de seus produtos. A cooperativa serviria como um depósito comunitário a todos os imigrantes japoneses cultivadores de batatas na cidade de São Paulo. O incentivo de Miura acabou rendendo frutos, pois em 11 de dezembro de 1927 foi construída a Sociedade Cooperativa de Responsabilidade Limitada dos Produtores de Batata em Cotia S/A, em Cotia, periferia de São

⁴² Ibid., p. 174.

⁴³ COMISSÃO DE ELABORAÇÃO DA HISTÓRIA DOS 80 ANOS DA IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL. *Uma epopeia moderna*, p. 525.

⁴⁴ AWARENARU shokuminchi fujin. *Nippak Shimbun*, São Paulo, 10 set. 1926.

⁴⁵ NIHON Jinkaito Sangyo Kumiai. *Nippak Shimbun*, São Paulo, 3 dez. 1926.

⁴⁶ JUKUKOO Yousuru Sangyo Kumiai Shorei. *Nippak Shimbun*, São Paulo, 12 fev. 1931.

⁴⁷ NIHON Jinkaito Sangyo Kumiai. *Nippak Shimbun*, São Paulo, 3 dez. 1926.

Paulo. Posteriormente, seu nome foi mudado para Cooperativa Agrícola de Cotia (CAC). O *Burajiru Jihô*, em um artigo de 11 de julho de 1929,⁴⁸ também parece aprovar a fundação da Cooperativa, como forma de sanar os problemas dos agricultores da região. Dessa forma, acreditamos que tanto *Burajiru Jihô* quanto *Nippak Shimbun* tiveram um peso importante na edificação da cooperativa e no desenvolvimento do comércio *nikkei* da cidade de São Paulo.

2.2. O papel dos jornais *Burajiru Jihô* e *Nippak Shimbun* nos debates raciais e na campanha antinipônica no Brasil

A campanha antinipônica já existia em nosso país desde a década de 1880, quando ainda se discutia sobre a entrada de imigrantes asiáticos no Brasil. A primeira postura de resistência contra os nipônicos foi apresentada no Decreto n. 528, de 28 de junho de 1890, que proibia a entrada de imigrantes das “raças” negra e asiática. Entretanto, pouco tempo depois, em 1892, o Senado suspende a proibição e propõe o início de estabelecimento de relações de amizade e comércio com a China e o Japão.⁴⁹ Mesmo após a assinatura, entre Brasil e Japão, do Tratado de Amizade, Comércio e Navegação em 1895, muitos estadistas brasileiros permaneceram receosos quanto à entrada de japoneses e as discussões prosseguiram até a chegada da primeira leva de imigrantes japoneses ao Brasil, em 1908, quando se abriu uma nova questão nas discussões: a presença efetiva de japoneses em terras brasileiras. A partir de então, o discurso brasileiro sobre o Japão e sua gente passa a se focar, sobretudo, nas colônias japonesas do Estado de São Paulo.

Da década de 1910 a meados de 1920, ocorre uma instabilidade do fluxo imigratório japonês para o Brasil. Nesse período experimental da imigração japonesa, tanto os imigrantes quanto os fazendeiros sentiram-se decepcionados com a experiência, o que levou o governo brasileiro a suspender a subvenção em 1913, diminuindo assim o fluxo imigratório de japoneses em nosso país. Em meados de 1915, o governo brasileiro, influenciado pelas notícias do “perigo amarelo” na América do Sul, decide limitar as relações com o Japão. Nessa época, o fluxo de imigrantes japoneses para o Brasil estava completamente suspenso. Mas com a

⁴⁸ NOUGYO Kaiwo Okose. *Burajiru Jihô*, São Paulo, 11 jul. 1929.

⁴⁹ LEÃO NETO, Valdemar Carneiro. *A crise da imigração japonesa no Brasil (1930-1934)*.

redução da corrente imigratória europeia para o Brasil, por conta dos conflitos mundiais, o governo brasileiro reinicia o programa de subvenção à imigração japonesa em 1917, e a suspende, novamente, em 1922.

Diante do quadro instável, um acontecimento internacional influi na situação da imigração japonesa no Brasil a partir de 1925: a lei norte-americana, sancionada em 1924, que proibia a entrada de japoneses nos Estados Unidos. Tal lei levou o parlamento japonês a aprovar um plano de emergência no mesmo ano autorizando o governo a custear as despesas de envio de emigrantes à América do Sul. Com efeito, de 1925 a 1934, o número de imigrantes japoneses que chegam ao Brasil tem um aumento considerável, o que faz aumentar as inquietações dos resistentes à entrada de japoneses.⁵⁰

Foi em meio a esse contexto histórico específico que os editores dos jornais em língua japonesa no Brasil, *Burajiru Jihô* e *Nippak Shimbun*, construíram, cada qual, seu discurso em defesa da comunidade japonesa e dos interesses políticos e econômicos do governo japonês e das empresas de emigração. Um exemplo nesse sentido foi o editorial do *Burajiru Jihô* de 13 de agosto de 1926,⁵¹ no qual o jornal declara que os brasileiros tinham uma visão distorcida dos imigrantes japoneses. Segundo o *Jihô*, grandes jornais brasileiros, como *O Estado* e *Capital*, costumavam passar uma imagem equivocada da comunidade japonesa afirmando que os nipônicos eram inassimiláveis, que costumavam formar quistos na região litorânea, que monopolizavam a pesca e que faziam aumentar o número de vagabundos em São Paulo. Para os editores do *Jihô*, muito provavelmente alguém estava subornando esses jornais para fazerem críticas aos imigrantes japoneses e que, mesmo sendo absurdas as histórias, a comunidade nipônica e o governo japonês precisavam pensar em formas de esclarecer essa visão errada que os brasileiros tinham dos japoneses.

Já no editorial do dia 10 de fevereiro de 1928,⁵² o *Burajiru Jihô* mostra-se mais comedido em suas críticas, mas continua a cobrar do governo japonês, especialmente do *Kaigai Imin Kumiai* (Cooperativa de Emigração), uma análise mais profunda sobre os desejos do governo brasileiro, suas exigências e expectativas.

⁵⁰ Ibid., p. 37.

⁵¹ IMINSHIDONO Tansho-Shuyou Iminchino Hitsuyou. *Burajiru Jihô*, São Paulo, 13 ago. 1926.

⁵² KAIGAI Ijukumiai Chumonno Koto. *Burajiru Jihô*, São Paulo, 10 fev. 1928.

Para o jornal, o governo brasileiro quer a ocupação e colonização de suas terras, entretanto os japoneses, ao iniciarem o processo, são criticados; daí, segundo o *Jihô*, a necessidade de um estudo aprofundado sobre as expectativas dos estadistas brasileiros com relação aos imigrantes japoneses. Os editores do *Jihô* acreditam também que era necessário adequar o trabalho dos japoneses às diretrizes e às condições do Brasil.

As cobranças à Companhia de Emigração Japonesa e ao governo japonês continuam nos editoriais seguintes do *Jihô*. Ao que parece, o governo japonês, a Companhia de Emigração e o jornal *Jihô* estavam cautelosos em suas palavras e atitudes no intuito de agradarem os estadistas e a sociedade brasileira de uma maneira geral; mas, especialmente, não queriam influenciar a comunidade japonesa com uma visão negativa e ameaçadora dos brasileiros. O *Burajiru Jihô*, muitas vezes, mostrava uma postura apaziguadora frente aos seus leitores, tentando acalmá-los com relação à gravidade da situação.

Essa já não foi a política adotada pelo *Nippak Shimbun*, o qual criticou frontalmente os brasileiros de serem levianos em seus julgamentos sem base sobre os imigrantes japoneses, como observamos no editorial datado de 18 de outubro de 1928.⁵³ Os editores do *Nippak* alertam os seus leitores sobre o movimento antinipônico e sugerem, então, que se faça um relatório sobre a real situação dos japoneses no Brasil e que esse seja entregue ao governo brasileiro. O *Nippak* faz questão de ressaltar que entre os quase oito mil imigrantes japoneses no Brasil muitos já eram donos de terras e estavam produzindo nelas; havia também os que estavam ajudando na economia brasileira desenvolvendo o setor industrial e, por fim, os que estavam recebendo a educação brasileira e se convertendo ao catolicismo.

Notamos que tanto o *Burajiru Jihô* quanto o *Nippak* cobram do governo japonês uma atitude para reverter a imagem dos japoneses dentro da sociedade brasileira; contudo é interessante observar que enquanto o *Jihô* faz a cobrança na tentativa de adequar os japoneses às diretrizes brasileiras, o *Nippak* quer o oposto, ou seja, que os brasileiros se adequem a uma visão positiva dos japoneses e reconheçam suas qualidades.

⁵³ NIHONJINNO Jissei Chôsa. *Nippak Shimbun*, São Paulo, 18 out. 1928.

Dessa forma, podemos afirmar que o *Nippak* mostra-se mais agressivo em sua posição frente ao movimento antinipônico, como notamos também na edição do dia 30 de agosto de 1928.⁵⁴ Nesse editorial, o *Nippak* fala do período propício para a entrada de mais imigrantes japoneses no Brasil, uma vez que a imigração europeia havia sido interrompida por conta dos conflitos mundiais; entretanto, os editores do *Nippak* pedem discernimento na decisão de enviarem novas levas de imigrantes ao Brasil e ainda esclarece em tom de autoridade que por “discernimento” fique entendido que é “se (os brasileiros) quiserem, mandamos (mais imigrantes japoneses); se não, não mandamos”.

É necessário lembrar que, nas décadas de 1920 e 1930, as discussões em torno da formação da identidade nacional brasileira, a defesa do território nacional contra o “perigo amarelo” e as teorias raciais estavam em franca ascensão no palco político brasileiro. Os jornais *nikkeis* tentavam, na medida do possível, formular uma opinião e uma orientação aos seus leitores a respeito. O *Burajiru Jihô* adota uma postura otimista sobre a situação dos imigrantes japoneses no Brasil e declara que se fixar e construir seu futuro no Brasil é uma forma de os imigrantes japoneses colaborarem com o desenvolvimento do Japão e mostrarem gratidão ao governo japonês por seus investimentos no exterior. Problemas como assimilação também são debatidos pelo *Jihô* de forma branda e apaziguadora, como vimos no artigo datado de 8 de janeiro de 1936,⁵⁵ no qual os editores instigam os japoneses a permanecerem definitivamente no Brasil e afirmam que, a partir da segunda geração, a assimilação iria ocorrer naturalmente. O jornal oponente *Nippak* também se mostra favorável à fixação dos japoneses no Brasil, entretanto com uma visão mais pessimista relata que a permanência no Brasil seria a única saída, já que as dificuldades econômicas seriam até piores para os imigrantes no Japão. Quanto à questão da assimilação, o *Nippak* mostra uma faceta ultranacionalista e declara ser contra o casamento inter-racial e lamenta que os imigrantes estivessem perdendo o espírito japonês e se transformando em um outro povo, especialmente a partir da segunda geração.⁵⁶

⁵⁴ IMIN Mondaito Kenshiki. *Nippak Shimbun*, São Paulo, 30 ago. 1928.

⁵⁵ BURAJIRUWA Warerano Eijuchi. *Burajiru Jihô*, São Paulo, 8 jan. 1936.

⁵⁶ KONO genshouwo nanto suru. *Nippak Shimbun*, São Paulo, 13 jul. 1933.

No Brasil, a problemática da assimilação e da falta de homogeneidade nacional aumentava o sentimento de frustração e inferioridade da elite brasileira, que propunha medidas drásticas, como a restrição da imigração de negros e asiáticos ao Brasil.

Em 1920, o então deputado estadual Fidélis Reis se pronuncia contra a abertura dos portos brasileiros aos imigrantes negros e japoneses no Congresso Legislativo de Minas Gerais. Fidélis Reis sustenta sua opinião apontando os problemas e transtornos que os japoneses causariam à nação brasileira com sua língua incompreensível, seus costumes muito diferentes dos nossos, sem falar de seu aspecto físico pouco atraente. O deputado brasileiro advertiu também sobre o perigo dos trabalhadores japoneses que, com sua concorrência barata, costumavam prejudicar os nacionais. Contudo, a maior preocupação de Fidélis Reis foi com relação ao cruzamento de raças entre o brasileiro e o japonês que, segundo ele, causaria ao Brasil um “mal irremediável”: o mestiço; por outro lado, se não houvesse o cruzamento, teríamos outro inconveniente, os quistos étnicos,⁵⁷ que seriam uma ameaça para a unidade da nação brasileira.⁵⁸

Fidélis Reis, João Faria, Oliveira Vianna, Carvalho Neto, entre outros políticos brasileiros, tornaram-se defensores da introdução de imigrantes de “raça branca” indo-europeia, que, segundo eles, era a mais rica em eugenismo.⁵⁹ Esses estadistas foram terminantemente contra a entrada de imigrantes asiáticos e negros no Brasil, considerados inassimiláveis e prejudiciais na formação de nossa raça.

Entretanto, o político Waldir Niemeyer,⁶⁰ assumindo a postura do novo nacionalismo que buscava as explicações para os problemas nacionais em termos brasileiros, tenta dissipar a prevenção contra o japonês. Na visão de Niemeyer, os japoneses, em São Paulo, não trouxeram nenhum tipo de perturbação como classe trabalhadora, com sua concorrência barata, ao contrário do que costumavam alegar os invocadores de “exemplos” norte-americanos. Para ele, as princi-

⁵⁷ Grupos étnicos que tentam manter sua cultura, sua língua e seus costumes em um país estrangeiro.

⁵⁸ LEÃO NETO, Valdemar Carneiro. *A crise da imigração japonesa no Brasil (1930-1934)*.

⁵⁹ Qualidade racial.

⁶⁰ NIEMEYER, Waldir. *O japonês no Brasil: uma face do nosso problema imigratório*. Rio de Janeiro: Editora Brasileira Lux, 1925. p. 5-6.

país vantagens que a imigração japonesa traria para o Brasil seriam a intensificação das relações comerciais com o “poderoso império asiático” e a solução para o problema de falta de mão de obra. Quanto à questão da formação da identidade nacional brasileira, Niemeyer afirma que o Brasil precisa encarar a sua realidade e não pode “[...] acariciar a ideia de ser futuramente um país de gente loura[...]”,⁶¹ e que só quem ainda vive “[...] às voltas com o gobineano e Lapouge é que pode acariciar tais sonhos (de ter um só tipo no Brasil)[...]”.⁶² Para Niemeyer, o caso americano é diferente do nosso, pois está mais do que provado, segundo o autor, que o “[...] japonês se identifica em nosso meio [...]”,⁶³ outro fator de diferenciação entre o Brasil e os Estados Unidos na questão imigrante é que “[...] o *preconceito de raça, entre nós, não existe*. O negro vai se diluindo através dos anos no lento, mas decisivo, caldeamento [...]”⁶⁴ e que, portanto, com o japonês ocorrerá o mesmo, argumenta Niemeyer. O cruzamento de raças, se houver, irá formar “bons brasileiros”, de raça aprimorada.

O jornal *Burajiru Jihô* se manifesta a esse respeito em seu editorial do dia 3 de fevereiro de 1934⁶⁵ e menciona o nome do político mineiro Fidélis Reis como o autor do projeto que proíbe a entrada de imigrantes asiáticos e negros no Brasil. Para o *Jihô*, a política diplomática japonesa é a responsável por essa situação, uma vez que a Embaixada e o Consulado Japonês não tomavam providências mais urgentes na solução do problema, tampouco tentavam reverter a visão negativa dos japoneses no Brasil.

No editorial do dia 14 de março de 1934,⁶⁶ o *Jihô* menciona sem muitos detalhes os projetos e as ideias antinipônicos defendidos pelo político e médico Miguel Couto na Assembleia Nacional Constituinte. O jornal sugere como solução ao problema a fundação de uma entidade cultural japonesa.

Enquanto isso, do lado brasileiro, um fato marcou os debates raciais no Brasil e suas implicações com a questão imigratória: o Primeiro Congresso

⁶¹ *Ibid.*, p. 20.

⁶² *Ibid.*, p. 31-32.

⁶³ *Ibid.*, p. 32.

⁶⁴ *Ibid.*, p. 21. Grifo nosso.

⁶⁵ UREUBEKIWA Gaikouno Gisei. *Burajiru Jihô*, São Paulo, 3 fev. 1934.

⁶⁶ HAINICHIMONDAI Keiseiakanni Hojinyushitsuinitatsu. *Burajiru Jihô*, São Paulo, 14 de março de 1934.

Brasileiro de Eugenia, realizado na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em julho de 1929. Miguel Couto, na qualidade de fundador do evento, recebeu as honras e as palavras de admiração dos participantes. Seguindo os moldes da Conferência Internacional de Eugenia, o Congresso Brasileiro teve a intenção de discutir os problemas eugênicos de controle social de imigrantes, a qualidade racial das futuras gerações do povo brasileiro, entre outros temas.

Foi nessa atmosfera de medo e ameaças que a campanha antinipônica se iniciou na Assembleia Nacional Constituinte na década de 1930. Na linha de frente estavam os constituintes e professores de medicina Miguel Couto (deputado federal pelo Rio de Janeiro) e Xavier Oliveira (deputado federal pelo Ceará); em contrapartida, o constituinte e advogado da Sociedade Colonizadora do Brasil Limitada, Moraes de Andrade, era tido como um dos defensores da entrada de imigrantes japoneses.

Miguel Couto reafirmava a importância da seleção rigorosa dos elementos imigratórios como meio de defesa de nossa raça, e entendia que a saúde e a força física do imigrante não bastavam para nos vencer sobre seus caracteres eugênicos, sendo necessária a apreciação de suas “[...] qualidades *mentais e morais* [...]” e, portanto, do seu valor como elemento racial.⁶⁷ Em outra obra, *Nações que emergem e nações que imergem*,⁶⁸ alertava para a possibilidade de o Brasil imergir sob influência asiática, e acreditava que esse era um problema puramente biológico, de eugenesia e de higiene social. A partir desse pressuposto, o autor defendia a importância dos cientistas na questão imigratória, os quais seriam os únicos capazes de realizar a “seleção” dos imigrantes que entravam no Brasil. Outro temor de Miguel Couto⁶⁹ era que a entrada de imigrantes japoneses transformasse o Brasil em um “cadinho da fusão das raças”.

Interessante notar que os jornais *nikkeis* pareciam acreditar que as visões equivocadas sobre os imigrantes japoneses tinham surgido de uma política diplomática fracassada, não mencionam, ao menos não abertamente, os preconceitos raciais e o medo de uma ameaça imperialista por parte dos súditos do Imperador japonês no Brasil. Por outro lado, os estadistas brasileiros mostravam-se dividi-

⁶⁷ *Ibid.*, p. 84. Grifo nosso.

⁶⁸ COUTO, Miguel. *Nações que emergem e nações que imergem*. São Paulo: CMG, 1925.

⁶⁹ COUTO, Miguel. *Seleção social*. Campanha antinipônica. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1942. p.13.

dos; uma parte, munida de teorias científicas, cria que a solução da formação do caráter nacional estava na entrada da raça ariana e no “branqueamento” gradual do povo brasileiro; já o outro lado, o dos pró-nipônicos, acreditava que os grupos estrangeiros de raças inferiores, ao serem assimilados étnica e culturalmente por povos superiores, com o passar das gerações, seriam aprimorados e que, portanto, não haveria um perigo de degeneração racial no cruzamento entre asiáticos e brasileiros.⁷⁰

Como pudemos observar, os jornais *Jihô* e *Nippak* dedicaram várias edições tentando buscar explicações e soluções a esse respeito. Notamos que o *Jihô*, seguindo uma política de apaziguamento entre o governo brasileiro e o japonês, procurou interpretar os debates raciais e o movimento antinipônico como falha de comunicação entre os governos; ao passo que o *Nippak*, sempre mais duro e direto em suas críticas, culpou abertamente tanto os estadistas brasileiros quanto os diplomatas japoneses. O editor do *Nippak* acreditava que o movimento antinipônico no Brasil estava sendo promovido pelos norte-americanos e ingleses e que essa não era na verdade uma opinião autêntica brasileira.⁷¹

Enfim, seja como for, os dirigentes tanto do *Jihô* quanto do *Nippak*, sem dúvida, praticaram um jornalismo fortemente opinativo e tendencioso. As notícias sobre o movimento antinipônico ganharam mais interpretação do que informação em ambos os impressos, o que, provavelmente, dividiu opiniões entre seus leitores que, ao que indica, permaneceram leigos da real discussão racial que estava ocorrendo no Brasil.

2.3. Os últimos anos dos jornais *Burajiru Jihô* e *Nippak Shimbun* (fim da década de 1930 e começo dos anos 1940)

A postura política subversiva de Saku Miura, redator do *Nippak Shimbun*, criou muitos inimigos e punições políticas. Em junho de 1928, Miura foi acusado de comunista e preso por “desacato à autoridade imperial”; já em 23 de março de 1931, com base nos decretos nacionalistas de Vargas, recebeu ordens para deixar o Brasil, mas, graças à intervenção de amigos, sua expulsão é revo-

⁷⁰ Ibid.

⁷¹ IKUSAWA Korekara. *Nippak Shimbun*, São Paulo, 20 jun. 1934.

gada. Entretanto, em maio de 1939 os inimigos políticos de Miura finalmente conseguiram deportá-lo para o Japão, onde foi preso e acabou falecendo em 1945 de desnutrição. A publicação do *Nippak* fica suspensa por quase um ano, mas volta a ser reeditada em 25 de julho de 1940 com o novo nome de *Burajiru Asahi* (Matutino do Brasil) sob a direção do jornalista Yoshio Mizobe.⁷² Segundo o jornalista Katsuo Uchiyama, o *Burajiru Asahi* passou a ser produzido somente em português a partir de 1940, o que fez a sua vendagem cair vertiginosamente, uma vez que os imigrantes não dominavam a língua.⁷³

Com a intervenção do Departamento da Imprensa e Propaganda (DIP), os jornais em língua japonesa no Brasil passam a enfrentar uma rigorosa censura, e muitos jornalistas, como Toshihiko Nakabayashi, acabaram se afastando do trabalho na imprensa.⁷⁴

Em 1941 os jornais em língua estrangeira são proibidos de circularem e obrigados a fecharem no Brasil. Entre os jornais ainda existentes na época, o *Seishu Shimpō* foi o primeiro a fechar no fim de julho, seguido do *Burajiru Jihō* no dia 31 de agosto, *Nippon Shimbun* em outubro e *Burajiru Asahi* no fim de dezembro.⁷⁵ Os imigrantes japoneses, que não dominavam a língua portuguesa, ficaram privados de notícias durante a guerra, causando um período de vácuo na imprensa e na comunidade *nikkei* do Brasil.

CONCLUSÃO

Os jornais em língua japonesa dos primeiros tempos (1916-1941) foram bastante participativos na formação da opinião pública dentro da sociedade nipo-brasileira. As tendências ideológicas e políticas expressas, especialmente nos editoriais, foram analisadas com atenção pelo peso que elas representaram na

⁷² KIYOTANI, Masuji. *Shimbunwa Iminnitoteno Nandeattaka II*, p. 2-63.

⁷³ TAKASU, Masao. *Kikitoride Tsuduru Shimbunshi*. In: ASSOCIAÇÃO DE JORNAIS DO JAPÃO. *Bessatsu Shimbun Kenkyu*. Tóquio: Nihon Shimbun Kyokai, 1985. n. 19.

⁷⁴ *Ibid.*

⁷⁵ *Ibid.*

participação dos imigrantes japoneses na criação, no controle e na crítica das diretrizes sociais.

Tais temas complexos e controversos exigiriam uma pluralidade de visões, mas o interessante é que, dentre os diversos jornais em língua japonesa lançados no Brasil nas décadas de 1920 e 1930, dois jornais de posições antagônicas – *Burajiru Jihô* e *Nippak Shimbun* – foram os que prevaleceram nessa discussão. Provavelmente, porque o jogo de poder e contrapoder entre os dois jornais mais lidos nas colônias japonesas funcionava como uma balança para equilibrar o radicalismo de ambos os impressos. Se de um lado o jornal *Burajiru Jihô*, mais conservador e tradicional, trabalhou, sobretudo, em prol dos interesses do governo japonês e da empresa de emigração japonesa, mascarados em seus artigos que propalavam otimismo quanto ao futuro do imigrante japonês no Brasil; do outro, o seu oponente, *Nippak Shimbun*, na figura de seu editor e proprietário Saku Miura, praticou um jornalismo de posição político-ideológica mais aberta e direcionada aos interesses do povo. Contudo, talvez seja arriscado classificar o seu jornal como progressista, uma vez que Miura não se pronunciou abertamente como um defensor das ideias democráticas, mas um lutador dos direitos dos imigrantes japoneses no Brasil. É importante observar que, devido ao seu espírito crítico, Miura desagradou tanto o governo brasileiro quanto o japonês e, ao impor sua visão de forma tão contundente, provavelmente tenha desagradado inclusive os próprios leitores mais conservadores.

Apesar da falta de dados para se analisar o público-alvo desses dois impressos japoneses, podemos supor que os leitores do *Burajiru Jihô* procuravam uma linha mais tradicional e conservadora, tinham uma visão nacionalista e chegavam a ser ingênuos ao crerem no otimismo divulgado nos editoriais; ao passo que os leitores do *Nippak Shimbun* procuravam, certamente, uma resposta mais condizente entre o discurso do governo japonês e a realidade brasileira. A promessa de enriquecimento fácil no Brasil propagada pela KKKK contrastava com a falta de perspectivas e condições de trabalho, fato que levou muitos imigrantes japoneses a se sentirem ludibriados pelo governo de seu próprio país.

Desse balanço concluímos que, até o fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945, os imigrantes japoneses no Brasil encontravam-se divididos entre os que haviam decidido permanecer em terras brasileiras, os que ainda mantinham a esperança de retorno ao Japão e, por fim, os que aguardavam uma oportuni-

dade para ficar ou para retornar à terra natal; daí talvez a diversidade de leitores que alimentaram os jornais japoneses de visões, muitas vezes, antagônicas.

Mas, seja como for, é verdade que os imigrantes japoneses ao chegarem ao Brasil sentiram-se por muito tempo desorientados quanto ao futuro, necessitando urgentemente de um norte que promovesse o melhor caminho em direção ao bem-estar no corpo social; e os jornais *nikkeis* surgiram para preencherem essa lacuna. Outra função que coube aos jornais em língua japonesa no Brasil foi a de preservação do sentimento nacional por meio da escrita em língua materna. Para Robert Park,⁷⁶ esse tipo de pensamento é mais presente nas “raças oprimidas” e, certamente, a discriminação e o preconceito fizeram parte do contexto histórico dos imigrantes japoneses. Além disso, as barreiras linguísticas e o choque cultural pareciam intransponíveis aos imigrantes japoneses recém-chegados ao Brasil, e terem o respaldo de um veículo de comunicação em língua materna, de certa forma, acalmava a alma de um povo sofrido.

As posturas radicais do governo brasileiro (querendo conter a entrada de estrangeiros) e do governo japonês (incentivando a saída de seu excedente populacional e iniciando uma campanha expansionista na Ásia) entram em choque de interesses e confirmam a apreensão sentida já desde o começo do século XX pelos resistentes brasileiros sobre o “perigo amarelo” e o “perigo vermelho”. Os planos militares dos japoneses tomam destaque internacional, aumentando ainda mais as discussões a respeito da ameaça amarela. Com o início dos conflitos internacionais, os jornais *nikkeis* sentiram todo o clima de pressão e cobrança por parte da sociedade e do governo brasileiro.

No caso do *Burajiru Jihô*, a pressão vinha de ambos os lados: do governo japonês, que cobrava uma postura conciliadora do jornal, e do governo brasileiro, que mantinha uma ação repressora. Transitar entre as duas esferas de poder era um malabarismo que o *Jihô* praticava constantemente. Postando-se, às vezes, em cima do muro, o *Jihô* tentou conter as suas próprias críticas, atendo-se mais às informações; contudo, acabou deixando, algumas vezes, transparecer a sua insegurança e o seu oportunismo, ora criticando o corpo diplomático japonês, ora defendendo os interesses políticos e econômicos das companhias de emigração japonesa e do governo japonês. No fim das contas, ficou claro que o interesse

⁷⁶ PARK, Robert E. *The immigrant press and its control*, p. 55.

do *Jihô* era manter o fluxo de emigrantes japoneses e auxiliá-los a se fixarem permanentemente no Brasil, amenizando, assim, os problemas demográficos e econômicos do Japão.

Por outro lado, o seu concorrente *Nippak* mostra que a coragem de expor suas opiniões abertamente era o maior atributo de seu dirigente, Saku Miura. Contudo, o medo ou talvez até a temperança tivessem sido medidas importantes para a sobrevivência do jornal em tempos de guerra.

Sem dúvida, ambos os jornais ocuparam um papel singular dentro da comunidade *nikkei*, atuando ou em prol dos imigrantes japoneses ou a favor dos interesses econômicos da KKKK, mas a verdade é que os jornais *nikkeis* deixaram seus feitos na história imigrantista do Brasil. Contribuíram, decisivamente, para a fundação da Cooperativa Agrícola de Cotia (CAC), acelerando assim o desenvolvimento do comércio *nikkei* na cidade de São Paulo; tiveram grande peso nas decisões educacionais da colônia, orientando os leitores às novas diretrizes da Era Vargas, sem, contudo, deixar de denunciar as deficiências do ensino público brasileiro, especialmente nas áreas rurais; e, por último, apresentaram o movimento antinipônico de forma simplificada, no intuito, talvez, de facilitar a compreensão sobre o assunto por parte de seus leitores, em sua maioria trabalhadores braçais. Temas como eugenismo, formação da identidade nacional e “perigo amarelo” não foram discutidos a fundo por ambos os periódicos.

Bem ou mal, os objetivos político-ideológicos tanto do *Jihô* quanto do *Nippak* caminharam em paralelo durante quase trinta anos, dividindo opiniões ao oferecerem visões plurais da problemática imigrantista. Podemos concluir que os dois jornais não só tentaram informar a opinião pública, como também ajudaram a formá-la, como vimos na relevância dada a certos assuntos nos editoriais, manipulando e direcionando as matérias para o terreno do senso comum. Na realidade, o *Jihô* e o *Nippak* conseguiram, de alguma forma, balancear os noticiários de fôlego e as denúncias com informações que também elevassem o espírito dos imigrantes japoneses, abastecendo seus imaginários com sonhos, lutas e esperanças.